

INFORMAÇÃO E SEMIÓTICA: UMA ABORDAGEM PEIRCEANA. João Gabriel Jeziorny Miranda, Maria Eunice Quilici Gonzalez. - Humanas – Filosofia – Departamento de Filosofia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

O presente trabalho se insere numa temática que percorre a história da Filosofia e da Ciência: a busca pela elucidação da natureza dos processos de aquisição e desenvolvimento do conhecimento. Neste contexto, direcionamos nosso estudo para a análise de um conceito que começou ser estudado no início do século XX e hoje dá nome à “era” em que vivemos, tal conceito é o de informação.

Estudos recentes, como os de Fred Dretske (1981), sugerem uma redefinição do conceito clássico de conhecimento a partir das teorias da informação. Reflexões sobre a natureza do conhecimento, tais como aquelas realizadas, por exemplo, por Platão no diálogo Teeteto, nos sugerem que conhecimento é opinião verdadeira acompanhada de justificação racional. Dretske, inspirado nesta caracterização, argumenta que conhecimento é crença verdadeira sustentada em informação. Tal compreensão da informação, como fundante de crenças verdadeiras, situa na informação a fonte de justificação de crenças. É no contexto desta redefinição da natureza do conhecimento que se insere nosso trabalho; nesta medida nosso estudo do conceito de informação está voltado, também, para a explicitação dos critérios de justificação racional exigidos na comprovação do conhecimento.

Como nos mostra De Tienne (2005), o conceito de informação começou a ser estudado sistematicamente em meados do século XX por pesquisadores principalmente das áreas da matemática, da física e da biologia. O objetivo perseguido por tais pesquisadores é saber “como melhor reunir, manipular, classificar, armazenar, recuperar, disseminar, reproduzir, e interagir com o registro do conhecimento” (DE TIENNE, 2005, p. 151). Neste contexto, a informação é vista em termos de transmissão e recepção de mensagens: “as preocupações centrais dos teóricos dessa vertente giram em torno da comunicação, da mensurabilidade e da quantidade de informação gerada em uma fonte, da capacidade do canal que a transmite, bem como da sua confiabilidade e efetividade na transmissão de dados” (GONZALEZ, NASCIMENTO, HASELAGER, 2004, p.198).

Como podemos notar, o direcionamento desses primeiros estudos da informação é basicamente técnico, não fazendo parte de suas preocupações questões epistemológicas e ontológicas. O presente trabalho visa explicitar o caráter epistemológico e ontológico da informação, indicando seu possível vínculo com os processos de aquisição do conhecimento.

Nesse sentido, analisamos o conceito de informação à luz da filosofia semiótica proposta por Charles Sanders Peirce, e, baseados em tal filosofia, procuramos mostrar que a informação, longe de ser uma substância, uma entidade ou coisa, pode ser identificada como um *processo* semiótico. Denominamos tal hipótese de **H1**.

Com a finalidade de explicitar a base conceitual no interior da qual a hipótese **H1** se desenvolve, faremos uma breve introdução à Fenomenologia e a Semiótica Peirceana. Pautado pela exigência de necessidade/suficiência, e apoiado no universo das aparências, Peirce (1931, 1935) elabora um quadro de categorias universais a partir das quais a experiência pode ser explicitada. Esta, por sua vez, se ajusta a três modos distintos de ser: um primeiro, presente no que é potencial, qualitativo, espontâneo, livre e casual; um segundo, caracterizado pela existência, facticidade, conflito, choque com a coisa bruta e pelo esforço e resistência com a alteridade, e um terceiro, identificado ao aspecto geral que atribui aos fenômenos, pela mediação, universalidade, hábito e pela lei. Tais modos distintos de ser constituem as categorias de *Primeiridade*, *Secundidade* e *Terceiridade*.

Feito esse breve esclarecimento referente ao quadro de categorias subjacentes ao pensamento peirceano (expressão de sua Fenomenologia, por ele considerada a primeira disciplina filosófica, de acordo com a sua divisão das ciências), podemos agora adentrar no

campo da ciência que mais nos interessa para a realização deste projeto: a Lógica e/ou a Semiótica.

O diagrama básico de representação dos signos, tal como proposto por Peirce, é o seguinte: um objeto gera um signo para um interpretante. O signo tem a função de transmitir ou representar algo para alguma mente, ao representar algo, ele representa seu objeto. O signo é o elemento mediador entre o objeto e o interpretante; essa mediação destina-se a alguma mente potencial habilitada a receber tal signo, ou, se necessário, gera tal mente. O signo, ao encontrar ou gerar uma mente, cria um outro signo equivalente ou, até mesmo, mais desenvolvido; tal signo criado denomina-se interpretante do primeiro signo. Neste ínterim, não pode passar despercebido que numa relação triádica genuína, os três elementos são de natureza sgnica, sendo que aquilo que os diferencia é o papel lógico desempenhado por cada um deles.

Para Peirce, o objeto determina o signo e o signo determina o interpretante, este terceiro, por sua vez, é determinado imediatamente pelo signo e mediadamente pelo o objeto. A correlação entre esses três elementos, cada um com sua função lógica específica, é indispensável para a constituição de um signo.

Evocando as três categorias, o diagrama dos signos receberá, na Filosofia Peirceana, uma nova exposição: o signo, como primeiro correlato, se aplica à categoria de primeiridade, e as noções de potencialidade e espontaneidade; ao objeto, como segundo correlato, à categoria de secundidade e, as noções de resistência, alteridade, existência e factualidade; o interpretante, por sua vez, é representado pela categoria de terceiridade, e as noções de lei, generalidade, necessidade e hábito (SILVEIRA, 2004, p. 27). Como pode ser notado, uma tríplice relação é uma *exigência* prioritária no que diz respeito à natureza do processo semiótico, pois “é a forma lógica [semiose] de um processo que revela o modo de ação envolvido na cooperação diferencial de três termos” (SANTAELLA, 1995, p. 43), o signo, o objeto e o interpretante.

Tal relação tríplice está além de qualquer processo meramente reativo; prova disso é o interpretante, o terceiro termo dessa relação. Este tem a função de tomar o lugar do primeiro quando a semiose deixa de ser vista como uma tríade de elementos separados e passa a ser caracterizada pela sua natureza triádica, que só se define na própria tríade. O interpretante, que, por sua vez, nada mais é do que um signo, torna-se o primeiro para uma subsequente e nova relação triádica.

O signo, assim caracterizado, nos remete ao universo da ação no contexto de um processo semiótico. Após essa breve explanação tanto da Fenomenologia quanto da Semiótica podemos vislumbrar uma possível teoria da informação emergindo da teoria geral dos signos. Embora Peirce não tenha desenvolvido um estudo elaborado sobre a natureza da informação, julgamos que sua teoria semiótica fornece um arcabouço teórico muito rico para o desenvolvimento de uma ontologia da informação.

Em suas reflexões, Peirce caracteriza *informação* de duas maneiras: no contexto lógico, informação é uma medida de predicação; no contexto metafísico, é a conexão entre forma e matéria (CP 2.418). O signo, por sua vez, é definido como aquilo que comunica uma forma do objeto para um interpretante: “... um Signo pode ser definido como um Medium para a comunicação de uma Forma. [...] Isso que é comunicado do Objeto por intermédio do Signo para o Interpretante é uma Forma; ...” (EP 2:544). Forma, por sua vez, é caracterizada como aquilo que tem o ‘ser do predicado’ (EP 2.544), como uma ‘proposição condicional’ que pragmaticamente diz que certas coisas aconteceriam sobre circunstâncias específicas (EP 2.388). Tal ‘proposição condicional’, como argumentam Queiroz, Emmechec e El-Hania (2005, p.06), é determinada pelo objeto por estar incorporada nele e tem a natureza de um hábito, ou seja, como um hábito, a forma comunica uma regra de ação (CP 5.397), um princípio de regularidade, uma tendência adquirida “[...] para comportar-se de forma similar

sob circunstâncias similares no futuro" (CP 5.487) que revela a permanência de alguma relação (CP 1.415).

Nesse contexto caracterizamos informação, provisoriamente, como um processo de comunicação de uma forma ou hábito. Semioticamente, informação pode ser entendida como um processo de comunicação de uma forma, enquanto hábito incorporado no objeto, transmitida ao interpretante via signo, ou ainda, a comunicação de uma forma do objeto para um interpretante por intermédio do signo.

Acreditamos, além disso, à luz da filosofia peirceana, que a análise de processo informacional pode ser dividido em três etapas:

- 1) Informação imediata, (ou potencial), entendida como um processo de comunicação de uma forma do objeto para um interpretante por intermédio do signo que, na qualidade de um primeiro, é possibilidade, ou nas palavras de Peirce, é uma "Qualidade de Impressão que um signo está apto a produzir" (CP 8. 315);
- 2) Informação dinâmica, (ou eficiente), concebida como um processo de comunicação de uma forma do objeto para um interpretante por intermédio do signo que, na qualidade de um segundo, é efeito produzido em alguma mente. Nos casos em que a informação, assim concebida, corresponder ao significado do signo haverá mudança, segundo Queiroz, Emmechec e El-Hania (2005, p.08), no estado do interprete;
- 3) Informação final, que pode ser caracterizada como o efeito último do signo, entendido não como um final definitivo, mas como um limite ideal no sentido de uma regra de ação ou padrão para o entendimento do signo.

Concluimos, portanto, que através dessas três etapas anunciadas qualquer correlação estabelecida entre informação e conhecimento terá que estar atrelada, necessariamente, à ação de um agente semiótico.

Em se tratando de uma pesquisa essencialmente teórica, de abordagem temática e desenvolvida segundo um viés epistemológico, nosso método de análise não pode fugir da máxima pragmática: devem ser considerados todos os efeitos de alcance prático imaginavelmente possíveis sobre o objeto de uma concepção. A concepção decorrente dos efeitos deverá corresponder ao todo da concepção que temos do objeto (CP 5.388-410), ou seja, a concepção que temos de um objeto deve estar atrelada aos seus efeitos práticos possíveis.

Referências Bibliográficas

DE TIENNE, A. Information in formation: a peircean approach. *Cognitio* - Revista de Filosofia. São Paulo: Educ: Palas Athenas, v. 6, nº 2, p. 149-165, jul./dez. 2005.

DRETSKE, F. I. *Knowledge and the flow of the information*. Oxford: Blackwell Publisher, 1981.

GONZALEZ, M. E. Q.; NASCIMENTO, T. C. A.; HASELAGER, W. F. G. Informação e conhecimento: notas para uma taxonomia da informação. In: FERREIRA, A.; GONZALEZ, M. E. Q.; COELHO, J. G. (Org.). *Encontro com as ciências cognitivas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 4, p. 195-220, 2004.

PEIRCE, C. S. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Electronic edition. Vols. I-VI. (Eds.) Hartshorne, C & Weiss, P. (1958). Vols. VII-VIII. (Ed.) Burks, A. W.

Charlottesville: Intelix Corporation. Cambridge: Harvard University. The Collected Papers of Charles Sanders Peirce.[quoted as CP, followed by the volume and paragraph.]. 1931-1935.

QUEIROZ, J.; EMMECHEC, C.; EL-HANIA, C. N. Information and semiosis in living systems: a semiotic approach. *S.E.E.D. Journal (Semiotics, Evolution, Energy, and Development)*, nº 1, p. 60-90, 2005.

SANTAELLA, L. A. *Teoria geral dos signos: semiose e autogeração* São Paulo: Editora Ática, 1995.

SILVEIRA, L. F. B. *Curso introdutório de semiótica geral*. 2004. Manuscrito inédito; cópia cedida pelo autor.

Bolsa: CNPq/PIBIC